

RUBEM BRAGA

A Situação

EU bem que dizia que a situação não está boa não; já tem até padre matando bispo. Entrementes o Carlos Lacerda vai a Canossa, isto é, a São Paulo, beijar a mão do cardeal Mota. Carlos fizera um artigo de violência e mau gosto, o que lhe rendeu um pito do cardeal. O govêrno explorou a situação como era de esperar, mas a explorou com tanto mau gosto que redundou numa verdadeira presepada: meu bravo amigo o general Néelson de Melo, chefe da Casa Militar, indo ao cardeal com uma carta de solidariedade do presidente da República e acompanhado do ministro da Guerra, do comandante do II Exército e mais não sei quantos generais. Um exagêro lacerdiano.

Logo a seguir o general Lott, depois de seu discurso democrata e pacifista, mandou processar o Lacerda e, de quebra, o Raíael Corrêa de Oliveira. Anda a Justiça às voltas com mil processos contra ou a favor do general Lott; o melhor seria o Supremo Tribunal anular tudo, dizendo que o jôgo «melou».

O nosso esvoaçante presidente também fala muito em pacificação, mas na hora de promover militares nem pensa nisso. É da boa tradição que na lista de oficiais a serem promovidos a generais escolha o presidente o primeiro colocado, que é naturalmente, o mais credenciado por merecimento e antiguidade. Aconselhado não se sabe por quem, o dr. Juscelino desprezou os primeiros colocados nas listas da Marinha e da Aeronáutica, preteridos por não serem «retorneiros».

Entrementes desembarcam no Rio 10.000 marinheiros norte-americanos e ocupam estrategicamente todos os bares e botequins da cidade. Zico suspira: por que não vem uma esquadra com 10.000 marinheiras? Já pensou como a cidade ficaria alegre, eu conquistando uma sargentinha, o Antônio Maria no Vogue com uma Mar e Guerra, o Di jantando com uma Almiranta? E elas tôdas cheias de dólares... Um sonho. Mais prático, fujo dos bares e vou beber na casa do meu amigo Airton Diniz, diplomata, porém Flamengo; lá ouvimos Caymi ao violão e Iara Bernette ao piano, além de Airton, Maria Helena e outros cantantes. Diz o Mário Cabral que Iara Bernette é hoje, pensando e ouvindo bem, a melhor recitalista brasileira; eu acredito em Mário Cabral. A certa altura pediu a Iara (antigamente, eu me lembro, ela não era Iara, era Bernette Epstein) uma coisa de Granados. Ora, eu estava à janela, e posso vos dizer como se deve ouvir Granados. É bem como eu estava: o ouvido esquerdo voltado para dentro da sala, o direito para fora, para os soluços do mar, um uísque na mão, e lá embaixo o castelo mourisco dos Catão fazendo ambiente. Dá um pouco de trabalho organizar isso, mas vale a pena, e ninguém processa ninguém.